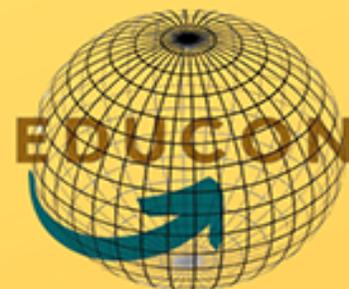




Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 10, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 10 - ENSINO SUPERIOR

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.10.22>

Recebido em: **01/07/2020**

Aprovado em: **27/07/2020**

REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A POSTURA DO EDUCADOR COMPETENTE NO
ENSINO SUPERIOR;

MILENA ARAGÃO
[0000-0002-0560-9988](https://orcid.org/0000-0002-0560-9988)

ORLANDO SANTOS DE OLIVEIRA FILHO

RESUMO

A expectativa com um professor é algo verídico e inevitável. Eis um momento oportuno para repensar a relação professor-aluno. O educador é aquele agente evoluído que sempre deve procurar por meios ao ensinar que encante e trabalhe o programa curricular de forma íntegra e competente. Um facilitador. A análise crítica deste artigo tem o objetivo de provocar o leitor à reflexão de que faltam mais exemplares de verdadeiros educadores. Aqueles que marcam positivamente e satisfatoriamente a biografia de um aluno. Esse estudo, para efetivar-se, teve como alicerce o método categórico dedutivo com análises de caso. O docente idealizado neste artigo confrontará o básico e atestará que a postura do educador competente no ensino superior ainda poderá ser bem melhor. Dependerá bastante do querer fazer bem.

ABSTRACT

The expectation with a professor is something veritable and inevitable. Here is an opportune time to rethink the teacher-student relationship. The educator is the one evolved agent that should always look for ways to teach that enchants and work the curriculum entirety and competently. A facilitator. The critical analysis of this article has the objective to provoke the reader to reflect about the missing specimens of true educators. Those who marks positively and satisfactorily the biography of a student. This study, to effect up, had the basis the categorical deductive method with case analysis. The docent idealized in this article will confront the basics and certify that the position of competent educator in higher education can still be better. Depend quite of wanting to do well.

RESUMEN

La expectativa con un profesor es algo verdadero e inevitable. Este es un momento oportuno para repensar la relación maestro-alumno. El educador es el único agente evolucionado que siempre debe buscar formas de enseñar que encanta y trabajar el plan de estudios de manera completa y competente. El facilitador. El análisis crítico de este artículo tiene el objetivo de provocar al lector a reflexionar sobre los especímenes faltantes de verdaderos educadores. Quienes marcan positiva y satisfatoriamente la biografía de un alumno. Este estudio, para llevar a cabo, tenía la base del método deductivo categórico con análisis de casos. El docente idealizado en este artículo confrontará los conceptos básicos y certificará que la posición de educador competente en la educación superior aún puede ser mejor. Depende bastante de querer hacerlo bien.

1 INTRODUÇÃO

A percepção humana é imensamente valiosa ao ser aplicada estrategicamente, sempre com bom senso e voltada para fins produtivos benéficos. A proposta deste artigo surgiu a partir do primeiro contato com o universo acadêmico, ao observar, perceber, analisar e constatar que práticas pedagógicas insuficientes infelizmente ainda existem no ensino superior. Práticas essas que nos provocam a refletir sobre a carência da qualidade, da eficiência e até dos princípios básicos educacionais de um professor que se diz ético. Percebemos, então, a necessidade de uma reflexão crítica sobre a postura do educador competente.

Vários são os fatores que compõem essa crítica ao todo, a incluir, por exemplo: os interesses mercantilistas e/ou capitalistas; o sistema brasileiro de educação, que poderá ser apresentado estrategicamente limitado; o comodismo nos processos; os perfis das pessoas da sociedade atual; os velhos paradigmas; entre outros. Contudo, o foco deste artigo será nas práticas docentes.

Este documento acadêmico foi idealizado e escrito com o objetivo de provocar as mentes pensantes do universo pedagógico, da sociedade intelectual docente e dos alunos mais interessados. Provocar com o intuito da reflexão analítica, da crítica construtiva e da análise produtiva em favor do produto final: ensino de excelente qualidade. O que resultará em uma educação de qualidade, e, como efeito vital, em qualidade de vida. Para complementar, derivará até na qualidade de vida das gerações seguintes.

A base teórica escolhida recorre a pesquisadores como o professor e psicólogo Joseph Lowman, que aborda a educação como excelência de prática, a Paulo Freire, que ensina a ensinar com leveza sublime, à Cristina Gomes Machado, que consegue humanizar os processo, e para rematar, pincela entre as análises filosóficas de alto teor analítico dos Franceses: Morin, Ciurana e Motta.

O artigo é iniciado estruturalmente com o objetivo de justificar a linha de pensamento do tema por meio de uma análise crítica sobre a postura do educador. Ponderações filosóficas serão abordadas, a fim de enobrecer o teor das reflexões. Em seguida, serão apresentados argumentos e características sobre as habilidades e competências do docente no ensino superior, para concluir, a reflexão crítica será fomentada com embasados atributos para que o docente competente efetive-se como destaque frente às provações.

2 POR QUE UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A POSTURA DO EDUCADOR?

O pensamento é capaz de transformar as condições de pensamento, ou seja, de superar uma alternativa insuperável, não evitando-a [sic], mas situando-a num contexto mais rico no qual cede lugar a uma nova alternativa, a aptidão de envolver e articular o *anti* [sic] e o *meta* [sic]. Permite resistir à dissociação gerada pela contradição e pelo antagonismo, dissociação que evidentemente não suprime a contradição. (MORIN, CIURANA, MOTTA, 2003, p.33)

A educação é uma arte constante e ininterrupta. Desenvolve-se entre metamorfoses e reflexões com objetivo de aprimorar e tornar efetiva a qualidade do pensamento. Vale ressaltar que os agentes envolvidos evoluem simultaneamente neste processo. O papel do educador é constitucional e mais imprescindível do que acreditamos.

A reflexão crítica sobre a postura do educador nasce ao ponderar resultados tanto em críticas particulares, quanto em acadêmicas e estatísticas. Surge ao detectar e confirmar que práticas antigas

e persistentes podem ofuscar a linha de atenção e compreensão do aluno, devido não haver reciprocidade no contato. A linha de pensamento da crítica em geral, fomenta-se em conceber o educador ideal. Aquele agente real que marca a vida dos alunos em determinado momento pela forma de agir, interagir, atrair a atenção, provocar, articular, encantar, entre outras. Eis um exemplo raro de perfil. Um profissional que desenvolve o conteúdo para ter sentido na vida do educando. De acordo com Severino (2002, p. 30), “a ciência, enquanto conteúdo de conhecimento, só se processa como resultado da articulação do lógico com o real, da teoria com a realidade”.

Oriunda de opiniões fundamentalmente unânimes entre estudantes de diferentes níveis e períodos, de cursos e instituições variadas, a imagem do educador em sala de aula pode ser facilmente julgada pela classe “crítica” chamada: discentes. Há veracidade ao afirmar que quando se é aluno, aparentemente mais cômodo é o estado. Há um poder fictício em optar se realmente é o que deseja investir para o futuro, se é a área ideal, se se identifica com a linguagem do ramo, entre outros argumentos rasos. Um relativo e cômodo conforto que naturalmente poderá se tornar provocante aos docentes, por conta dos diferentes perfis que poderão surgir. Entretanto, quando na posição de educador, este que de fato exerce a função de mediar o conhecimento, valorizar opiniões, administrar e dispor de tempo para orientar, respirar educação, esse papel é um tanto desafiador, contudo, é bem possível e relativamente fácil quando se escolhe uma forma leve, competente e exclusiva de gerir a profissão. A sinergia entre a relação professor-aluno deve coexistir a fim de promover o equilíbrio e o bem maior entre esses dois pilares. De acordo com o educador Paulo Freire (2002), obtemos o adágio:

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma o ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dar forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. (FREIRE, 2002, p.23)

A reflexão crítica recorre ao analisar e conjecturar o quanto de poder o educador tem para determinar o fluxo da aula, a forma de conduzir e de liderar os presentes. De acordo com Morin, Ciurana e Motta (2003, p.59), “a educação deve compreender que existe uma relação inviolável e retroalimentadora [sic] entre antropologia e epistemologia, relação que ilumina as dinâmicas do conhecer e do poder”.

A forma de conduzir uma aula é fator particular de cada profissional. Não há molde perfeito nem ideal para isto. Todavia, há de se pensar seriamente em linhas didáticas, metodológicas que ofertem meios para evitar o básico e o insuficiente na relação professor-aluno, dentro do contexto atual de exigências e provações acadêmicas. De acordo com o que defende o professor Lowman (2004, p.11), “um ensino universitário de qualidade superior ainda está inegavelmente dependente da habilidade e do poder de motivação dos professores em sala de aula.” O educador é o ‘rei’ da classe, a referência, o condutor, e tanto pode como deve explorar as mentes presentes de forma desafiadora, envolvente e crítica. Sair do básico e explorar as possibilidades. Com o foco para promover o pensar e a pesquisa, de modo a apresentar uma aula empolgante e com abundância de conteúdo produtivo. Elevar e manter o nível alto. Trocar informações como se fossem gentilezas. Com base no pensamento do psicólogo Lowman (2004), aprendemos:

Excelentes professores selecionam e organizam conteúdo intelectualmente desafiador e o apresentam de maneira envolvente e memorável. Eles também são sofisticados no relacionamento interpessoal e promovem satisfação e motivação nos estudantes. Embora um número considerável de pesquisas relevantes seja citado, o ensino e a aprendizagem não são aqui entendidos como um processo frio e tecnológico, mas como um processo caloroso, estimulante e pessoal – definitivamente, um processo

humano repleto de emoção e mágica. (LOWMAN, 2004, p. 18)

“Um professor incapaz de elaborar projeto pedagógico próprio é incompetente para motivar emancipatórios.” (SILVIA, T.M.N., 1990; apud SOUZA & KRAMER, 1988). O educador, em todos os níveis de ensino, é o líder em poder explorar como a aula deve ser apresentada, tratada e desenvolvida. Esta é uma escolha pessoal que poderá ter efeito transcendente. Abrange diretamente sobre a postura de atuação entre o agir e o ser.

O líder tem consigo uma chance oportuna de poder empreender didaticamente, de forma exclusiva e ética, o uso de recursos de ensino com base nas habilidades criativas, e de focar/captar a atenção dos espectadores ao apresentar uma abordagem diferente e valiosa a estes. Eis a oportunidade da interação fundamentada.

De acordo com o dicionário Aurélio (2010), a motivação, “conjunto de fatores psicológicos (conscientes ou inconscientes) de origem filosófica, intelectual ou afetiva, os quais agem entre si e determina a conduta de um indivíduo”, é o carro-chefe para a postura, se podemos afirmar, ideal, do educador. Para acontecer a motivação de fato, o educador deve, primordialmente, ser o fator motivador. Ser exclusivo na forma como faz e ter domínio, logicamente, do conteúdo a ser compartilhado, a fim de possibilitar, portanto, o prazer em poder explorar o melhor do ser transmissor mediador. Não somente aquele quem media, mas também aquele quem desafia, enaltece e estabelece critérios de não ter critérios para que um aluno possa explanar uma opinião produtiva dentro do contexto. Algo relativo com a teoria da interação de Vygotsky. Eis a importância das linhas de discussões em prol do assunto lecionado. De acordo com a análise crítica do trio: Morin, Ciurana e Motta (2003), obtemos a reflexão:

A dificuldade do pensamento consiste em conferir lugar a uma ideia. Pensar é construir uma arquitetura das ideias, e não ter uma ideia fixa. A inspiração não nasce de uma ideia fixa, mas nasce se essa ideia for poética. É possível ser genial, se a ideia for genial. Pensar é reconhecer a validade e situar no mesmo plano a ideia antagônica ou contrária e a ideia poética e genial. (MORIN, CIURANA E MOTTA, 2003, p.38)

Para que o educador possa efetivar-se como um destaque, a reflexão crítica sobre a postura de atuação deve ocorrer de dentro para fora. Sempre e naturalmente uma autoanálise sensata e reflexiva será necessária como requisito para a forma de ser deste profissional diferencial. A reflexão crítica sobre a postura do educador nos apresenta um perfil imperfeito, contudo, com um valioso teor de pretensão ao se optar pelo diferencial. A educação é uma arte.

3 HABILIDADES E COMPETÊNCIAS DO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR

3.1 EM QUE CONSISTEM AS HABILIDADES E COMPETÊNCIAS?

É impossível reduzir o método/caminho/ensaio/travessia/pesquisa/estratégia [sic] a um programa e ele tampouco pode ser reduzido à constatação de uma vivência individual. Na verdade, o método define-se pela possibilidade de encontrar nos detalhes da vida concreta e individual, fraturada e dissolvida no mundo, a totalidade de seu significado aberto e fugaz. (MORIN, CIURANA, MOTTA, 2003, p.23)

Um conjunto de fatores tentaria definir o que seriam as habilidades e competências, contudo, ao

analisar profundamente, percebe-se que há mais do perfil psicológico pessoal do que o do “ideal” para essas atribuições. As habilidades e competências tornar-se-ão um conjunto de técnicas bem aplicadas e integradas aos traços do educador, e ao conteúdo didático pedagógico que este defende, investe e dissemina. Porém, de acordo com Vasconcelos (1998, p.86), há “pouca preocupação com o tema da formação pedagógica de mestres e doutores oriundos dos diversos cursos de pós-graduação do país. A graduação tem sido ‘alimentada’ [sic] por docentes titulados, porém, sem a menor competência pedagógica.” Tal constatação nos leva a um questionamento acerca da correlação entre a crescente especialização oferecida pelos cursos de pós-graduação e a qualidade docente dos professores universitários.

De acordo com Isabel Dias (2010, p. 75), ser competente permite ao sujeito ser autônomo em relação ao uso do saber, possibilita-lhe ativar recursos (conhecimentos, capacidades, estratégias) em diversos tipos de situações, nomeadamente, situações problemáticas. Ser competente será ser capaz de recorrer ao que se sabe para se realizar o que se deseja/projeta. Como defende Comellas (2000), uma pessoa será competente num determinado domínio se colocar em ação diferentes capacidades e saberes necessários para dar uma resposta ajustada à situação em que se encontra. Ao atingir a realização pessoal, ao exercer a cidadania ativa, ao fomentar a inclusão social e o emprego, o sujeito manifesta as suas competências.

Uma educação de boa qualidade poderá ser conquistada se, com as habilidades e competências apropriadas, o docente proporcionar o bem-estar ao desenvolver o conteúdo em parceria com os discentes. De acordo com Paulo Freire (2002, p.71), obtemos o adágio: “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele.” É questão de sincronia, prazer e foco.

A metodologia utilizada pela maioria dos profissionais docentes do ensino superior às vezes se atem tão-somente a uma cópia modificada da cópia. Isso infelizmente é comum, além de poder tornar mecânico e limitado o vasto processo bilateral da aprendizagem. O docente deve ser didaticamente preparado para apresentar habilidades e capacidades que o tornem a atração por trás da atração principal: o conteúdo do programa. Por essa falta, uma das críticas mais comuns dirigidas aos cursos superiores diz respeito à didática dos professores universitários, ou seria melhor dizer: à carência desta. De acordo com Paulo Freire (2002, p.56), “o professor que não leve a sério sua formação, que não estuda, que não se esforce [sic] para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe.”

É responsabilidade fíndia do educador, implantar nas mentes dos alunos o desejo e o interesse pelo conteúdo apresentado. Com esse propósito, o professor hábil poderá explorar o melhor de cada turma, de cada aluno e de cada momento. Ao ponto de não precisar mais atribuir tanta importância ao que é ditado pelo sistema ortodoxo, e sim, de averiguar e constatar possibilidades exploráveis de um futuro melhor, mais compreensivo, humano e possível.

Hoje, portanto, é imperativo que o professor saiba lidar com a diversidade cultural que anos atrás não havia em tão alto grau no ensino superior. Isso acontece por conta do número de interessados heterogêneos que está cada vez maior nas instituições. Há probabilidades de existir um público que, por um lado, pode encontrar-se despreparado, tanto emocional quanto intelectualmente, e talvez, mais jovem e/ou imaturo, além de pouco motivado e/ou comprometido com a aprendizagem, ao ter em vista que o ensino superior, hoje em dia, não é mais garantia de emprego estável no futuro. Mas também um público que pode, por outro lado, ser muito mais exigente quanto à qualidade dos cursos oferecidos, ao focar profissional e especialmente no alto grau de competitividade do mercado de trabalho e das oportunidades. Esses são os interessados, os que instigam energias aos educadores brilharem. À luz dos ensinamentos do educador Paulo Freire (2002), obtemos:

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão mas [sic] um sujeito de

opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, a avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho. (FREIRE, 2002, p.60)

As habilidades e competências consistem em um conjunto de fatores que sintetizam a capacidade do educador em ser o diferencial, um *outsider*, ou até uma atração. Torná-lo exclusivo no que faz para que ele seja um destaque cativante a todos envolvidos. Aparentemente há bastante superficialidade no tema, porém, o que é defendido neste estudo é uma mudança de postura profissional. Uma forma mais crítica de interpretar o nível de responsabilidade dos docentes em prol de mais qualidade e competência na educação do ensino superior. Para nobilitar a análise, obtemos a reflexão do trio: Morin, Ciurana e Motta (2003):

Na mentalidade clássica, quando surgia uma contradição no interior de uma argumentação, ela era considerada como indicativa de erro. Isso significava que era necessário voltar atrás e empreender uma outra [sic] argumentação. Em contrapartida, na ótica complexa, quando, pelas vias empírico-rationais se atinge algum tipo de contradições, isso não é sinal de erro, mas de descoberta de uma camada profunda da realidade que nossa lógica seria incapaz de dar conta, dadas as características dessa mesma profundidade. (MORIN, CIURANA E MOTTA, 2003, p.44):

Podemos até fazer uma analogia com o quadro atual da EAD – Educação a Distância, no país. Os professores contemporâneos ainda estão gradativamente aceitando e entendendo a ideia e a essência de como funciona essa forma alternativa de ensino. Uma estrutura de educação voltada em prol da flexibilidade, da disposição de horários dos usuários, da praticidade e da alta qualidade do conteúdo. O ponto negativo é ausência do contato direto entre o aluno e o educador, em sala de aula. Neste caso, o professor participará de uma sessão de filmagens e gravações nas quais as aulas serão registradas e apresentadas posteriormente.

A interação com os alunos acontecerá digitalmente.

Hoje, já é necessário que os professores do ensino superior saibam operar plataformas de tecnologia digital, que conheçam e que entendam o processo com uma visão holística de produtividade. Ao retomar o tema principal, percebe-se que esta carência de postura do educador competente do ensino superior é representada também em vias como essa citada, a EAD. A mudança de atitude sugerida deve ser seriamente considerada, reflexiva e efetiva em prol do desenvolvimento das habilidades e competências. É uma questão pessoal inigualável. De acordo com o educador José Manuel Moran (2004), obtemos a análise:

Na EAD a maior parte do tempo do professor não é “lecionar”, mas acompanhar, gerenciar, supervisionar, avaliar o que está acontecendo ao longo do curso. O papel do professor muda claramente: orienta, mais do que explica. Isto também pode acontecer na educação presencial; mas até agora desenvolvemos a cultura da centralidade do papel do professor como o falante, o que informa, o que dá as respostas. A EAD de qualidade nos mostra algumas formas de focar mais a aprendizagem que o ensino. (MORAN, 2004, p.29),

Com base nas análises do que consistem as habilidades e competências, podemos interpretar: torna-se necessário ao educador hábil e competente, pensar em formas alternativas de ensinar e de aprender que inclua a ousadia de “inovar as práticas de sala de aula, de trilhar caminhos inseguros, expondo-se e correndo riscos, não se apegando ao poder docente, com medo de dividi-lo com os alunos e também de desvencilhar-se da racionalidade única”, (CASTANHO, 2000, p.87). Isto é, por em prática outras habilidades e avançar além das apenas básicas. Torna-se imprescindível que os

professores calhem a pensar como “participantes do desvelamento do mundo e da construção de regras para viver com mais sabedoria e mais prazer”, (CASTANHO, 2000, p.87).

3.2 ATRIBUTOS DO DOCENTE COMPETENTE

Exercer a função docente, ser educador, é utilizar como princípios básicos à ética e o amor. Compromisso e prazer. Foco e vontade. Sem demagogias em relação à palavra amor. É saber lidar com pessoas distintas, além de ajudá-las a compreender informações diversas. Para que no futuro, esses alunos sejam seres humanos mais evoluídos dentro de “um extenso e contínuo processo de seleção e filtragem de conhecimentos e experiências, não somente de um indivíduo, mas, sobretudo de um grupo social”, conforme explicita Machado (2002, p.31) nos ensina.

Ser educador consiste em poder portar o nobre dote em fazer parte da profissão mais importante e fundamental do universo. Sem hesitar numa palavra sequer da frase anterior. A vida admirável de um profissional da educação somente não é reconhecida pelo próprio agente educador se não quiser. A profundidade em essência da profissão, entenda-se, ensinar, é o que deve manter em todos os professores o instinto ávido em poder contribuir com próximo, nas aulas e/ou encontros, com a finalidade de propagar e explorar inteligíveis conhecimentos possíveis. O aluno que optar por fazer parte do corpo docente deve ter a maturidade em focar-se preparado frente à realidade da situação atual do preceito capitalista, como também do sistema brasileiro. Permanecer assegurado, principalmente psicologicamente, com o objetivo de saber conduzir o futuro dos próximos passos nessa bela missão ininterrupta de vida.

Com o objetivo de focar na mudança de comportamento do educando universitário para ser atuante politicamente, o aluno estimulado para um posicionamento social e político, poderá favorecer para o desenvolvimento efetivo e realmente notabilizar melhorias ao bem comum. O professor, acima de tudo o universitário, tem esse dever. Já maduro, o discente nesta fase tem condições de imprimir força nas decisões do nosso país. O aluno deverá sair transformado da sala de aula, seja ao aprender a ler, ou na conclusão do ensino superior. Com a palavra, o professor Lowman (2004):

O ensino universitário exemplar deve engendrar um aprendizado ativo não somente dos fatos básicos, teorias e métodos, mas também das relações entre os diferentes ramos do conhecimento. Deve promover o pensamento, as habilidades de comunicação e de resolução de problemas, características de uma pessoa educada. Sobretudo, deve esperar-se [sic] do estudante que recebeu o melhor que o ensino universitário pode oferecer, tanto em artes liberais, como em currículo técnico e profissional, que saia com uma capacidade acurada para avaliar criticamente as informações – que saiba a diferença entre sabedoria e tolice. Tal ensino pode **fazer uso de diferentes habilidades** [grifo nosso] e pode ser oferecido em uma variedade de estilos e cenários, mas sua característica unificadora é que estimula os estudantes para um envolvimento ativo em seu próprio aprendizado. (LOWMAN, 2004, p. 22)

O comportamento humano apresenta possibilidades magnânimas e inestimáveis. Virtudes como a ética e a responsabilidade fazem parte da vida do educador como um perfume e o cheiro. Principalmente em relação à responsabilidade social. Interpretamos aqui uma análise crítica sobre o poder dimensional da atuação de um educador.

A educação é uma área que nunca para de evoluir. O professor do ensino superior ao entender esse conceito de auto crítica construtiva, bem esclarecido e estabelecido, deve focar-se em visualizar de que forma será vossa contribuição àqueles que tiverem a honra de serem discípulos. Eis a grande responsabilidade. O fator fundamental. Em oportunidades de agir, o educador, com todo poder que

lhe é cabível, deve ter a competência em procurar sair do básico e evitar que a aula torne-se maçante, monótona e/ou, como resultado, medíocre. O estudo crítico deste artigo conclui que para uma boa atuação profissional, o educador deve apresentar conteúdos diversificados, atrativos, empolgantes e focados na linha do estudo correspondente.

Conforme Freire (2002)

Educador e educandos, lado a lado, vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber. É impossível tornar-se um professor crítico, aquele que é mecanicamente um memorizador, um repetidor de frases e ideias inertes, e não um desafiador. Pensa mecanicamente. Pensa errado. A verdadeira leitura me compromete com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Só pode ensinar certo quem pensa certo, mesmo que às vezes, pense errado. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiados certos de nossas certezas. O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos a beleza de estarmos no mundo e com o mundo, como seres históricos, intervindo no mundo e conhecendo-o. Contudo, nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho, e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. (FREIRE, 2002, p.15)

A dimensão da responsabilidade de um docente é um dos principais fatores desse estudo. A reflexão crítica sobre a postura do educador competente no ensino superior surgiu por conta da necessidade em indagar a meios que poderão e deverão ser melhores apresentados e desenvolvidos. O educador deve sempre procurar formas de se destacar e de ser um facilitador sem necessitar impor as distâncias dos títulos acadêmicos conquistados. O que facilmente é visualizado são professores que tentam ser destaques, porém não conseguem eximamente por manterem-se no conforto do básico e dos mesmos procedimentos. Nas mesmas formas de pensar. As mudanças exigem reflexivos esforços. A gentileza em renovar-se como profissional e pessoa, o saber receber críticas e saber ouvir, e a vontade convertida em atitudes, torna o educador um ser evoluído e parte notável do processo evolutivo de um aluno. Esses são fatores que compõem os atributos do docente competente. De acordo com os franceses: Morin, Ciurana e Motta, (2003) obtemos o reflexivo ensinamento crítico:

Após as experiências realizadas pelas ciências e pela filosofia no século XX, ninguém pode basear um projeto de aprendizagem e conhecimento num saber definitivamente verificado e edificado sobre a certeza. Tampouco se pode ter a pretensão de criar um sistema absoluto de proposições possíveis ou sonhos de escrever o último livro em que esteja contida a totalidade da experiência humana. (MORIN, CIURANA E MOTTA, 2003, p.19)

De acordo com o foco de estudo deste artigo, percebe-se, não seriam questões de “certezas”, mas sim de opções em formas de sugestões produtivas e reflexivas. Os atributos do docente competente basicamente não devem ser protocolados. As características de um educador estão diretamente relacionadas com o perfil pessoal deste profissional. O que diferenciará ao exclusivo serão as atitudes escolhidas para compor as bases de atuação, assim como um líder faz. Agir pró-ativamente e permitir-se competentemente aceitar o fato de que não há dono do saber, esses são os requisitos primordiais aos verdadeiros educadores.

A reflexão aqui desenvolvida pretende ajudar a acordar o leitor ao fato de que os educadores diferenciais, os que empolgam e prendem a atenção na aula, aqueles que marcam e se destacam, esses devem ser cultivados e multiplicados. Algo teoricamente simples de entender, entretanto, em relação à postura de perfil, torna-se algo bastante complexo de se moldar. Eis ainda a necessidade de que os cursos de licenciaturas contenham matérias voltadas ao diferencial, ao ímpar, às formas

criativas de chamar a atenção e de envolver os alunos nos contextos tratados.

4 CONCLUSÃO

Uma auto reflexão crítica sobre a postura do educador, não só como profissional, mas também como pessoa, é o que motiva e orienta o docente a ser mais exigente e completo. Assim como a vida se apresenta. Os professores portam a missão da responsabilidade social e devem fazer jus ao que tanto pregam na teoria.

Há sim a carga de responsabilidade dos discentes, logicamente, entretanto, o poder dimensional do educador é superior e deve acontecer em prol do benefício mútuo. Para isto, o professor do ensino superior deve ser um ser ativo, empolgante e admirável. Carece fazer da docência uma escolha vital. A função do educador não é complicada, puramente. É sim complexa. Porém, hoje há um novo contexto em que os professores devem ser mais participativos, humanos e desafiadores. Para ser assim, requer-se competência, dinamismo, evolução contínua, personalidade, senso crítico, sensibilidade, administração, visão holística, posicionamento, ética, neutralidade, objetividade, qualidade e outros bons adjetivos. Contudo, a base do educador competente deverá ser sempre o amor. Romântico, não? Não deverá ser. O amor está diretamente relacionado com o querer fazer bem, ao gostar de fazer, ao motivar-se com o fazer bem, ao procurar resolver desafios e ao contribuir com a evolução do próximo e de si mesmo.

Sobre os títulos nas academias, existem muitos. Vários termos, níveis, cargos, classes, funções e degraus, porém, nenhum desses importa para a forma ética e exclusiva de agir, a um educador. Este deve sempre procurar prezar pela praticidade e simplicidade, dentro da complexidade. Basicamente, o educador diferencial requer habilidades inatas e disposição criativa para apresentar uma estrutura de aula atrativa e acolhedora, assim como uma postura de perfil motivadora e exemplar. Ainda que, porém, o que mais existem são inúmeras teorias e pouca ação em prol das práticas diferenciais. Entretanto, isto há de melhorar.

A energia do educador e o poder da liderança contam bastante.

Conclui-se com o estudo analítico crítico que o educador é um ser em contínua e ascendente evolução. Eis a necessidade e importância da autocrítica. A procura ao diferencial ou exclusivo, entendamos, agente não básico que ensina, requer dedicação contínua e um intenso querer em apresentar algo especial e encantador. Somente assim haverá o desenvolvimento considerável em prol dos resultados tão estimados: qualidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CASTANHO, Sérgio E. M. **A universidade entre o sim, o não e o talvez**. In: VEIGA, Ilma P. A., CASTANHO, Maria Eugênia L. M. (orgs.). **Pedagogia universitária: a aula em foco**. Campinas, SP: Papyrus, 2000, p. 13-48.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Ilustrado**. Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

LOWMAN, Joseph. **Dominando as técnicas de ensino**. São Paulo: Atlas, 2004.

MACHADO, Cristina Gomes. **Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARIN, Edgar; CIURANA, Emilio Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária**. São Paulo: Cortez, 2003.

MORAN COSTAS, José Manuel; MORAN, J. M.. **Desafios que a educação a distância traz para a presencial**. UNOPAR Científica. Ciências Humanas e Educação, Londrina, PR, v. 5, n. 1, p. 27-33, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SIMÕES DIAS, Isabel. **Competências em Educação: conceito e significado pedagógico**. In: Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 14, Número 1, Janeiro/Junho de 2010: 73-78. <http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a08>

VASCONCELOS, Maria Lúcia M. Carvalho. **Contribuindo para a formação de professores universitários: relatos de experiências**. In: MASETTO, Marcos (org.). **Docência na Universidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1998, p.77-94.

*Psicóloga, Mestre e Doutora em educação. Docente do Centro Universitário Estácio/SE.

**Administrador, Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior e Especializado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, ambas pela Estácio de Sá de Sergipe, e aluno do curso de Psicologia por essa mesma instituição.